

METROPOLITANA

CCB

TEMPORADA
2020 | 2021

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

SCHEHERAZADE

DOMINGO 22 NOVEMBRO - 11H00

GRANDE AUDITÓRIO
DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

António Rosado *

Piano

Adrian Leaper
Maestro

* Artista Associado da Metropolitana
na Temporada 2020/2021

Maurice Ravel

Concerto para Piano e Orquestra em Sol Maior

Nikolai Rimsky-Korsakov

Scheherazade, Op. 35

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



SCHEHERAZADE

Maurice Ravel (1875-1937)

Concerto para Piano e Orquestra em Sol Maior (1931)

(duração aproximada: 23 min.)

I. *Allegrement*

II. *Adagio assai*

III. *Presto*

Nikolay Rimsky-Korsakov (1844-1908)

Scheherazade, Op. 35 (1888)

(duração aproximada: 45 min.)

I. *O mar e o navio de Sinbad*

II. *A história do príncipe Kalender*

III. *O jovem príncipe e a jovem princesa*

IV. *Festa em Bagdade - O mar - Naufrágio dos barcos nas rochas*

Na conceção de uma imagem para 2020/2021 que correspondesse aos tempos de exceção que estamos a viver, decidimos colocar a música em diálogo com um discurso imagético que se tornou estranhamente familiar e que se deve à qualidade do nosso fotojornalismo. Ao percorrermos

o extraordinário acervo de imagens publicado na página «EverydayCovid» no Instagram, descobrimos um silêncio que diz muito, pelo modo certo como combina dramaticidade e informação.

IMAGEM DE CAPA
MARCOS SOBRAL

 [marcos_sobral_photography](#)

Marcos Sobral nasceu em Lisboa. Seguindo a sua paixão por fotografia, rumou a Barcelona em 2004 para estudar no Instituto de Estudos Fotográficos da Catalunha, onde se especializou em Fotografia de Viagem, Fotografia de Nu e Fotografia de Moda. Desde então tem publicado na National Geographic, Altair, Blue Travel, P3, PARQ Magazine, entre muitas outras, e venceu vários prémios fotográficos, tais como «Commended Award - Wildlife Photographer Of The Year 2013» ou o «Urban Photographer Of The Year 2015».

O Cais do Sodré, o mais emblemático local noturno da capital, completamente deserto num sábado à noite.



O compositor Maurice Ravel em 1925 | Fonte: Wikimedia Commons

CONCERTO DO NOVO MUNDO

Um dos momentos que mais se destaca na biografia artística de Maurice Ravel é a digressão de quatro meses que realizou na América do Norte em 1928. Não são fruto do acaso, portanto, as harmonias do blues e os ritmos sincopados do jazz que se reconhecem no Concerto para Piano em Sol Maior. Assim foi o fascínio do compositor francês pelo Novo Mundo.

Em 1928, Maurice Ravel apresentou-se várias vezes, enquanto maestro, pianista e compositor, em cidades dos Estados Unidos e do Canadá. Deu entrevistas e conferências, garantindo uma notoriedade pública que também se traduziu no acrescentado prestígio de que passou a gozar em toda a Europa. O Concerto para Piano em Sol Maior reporta a esse período. É uma obra que todos os pianistas gostam de tocar, por se tratar de música feita por um compositor que conhecia particularmente bem o instrumento.

Nalgumas partes traduz-se num tributo a Mozart e a Saint-Saëns. Noutras sobressaem sonoridades que relacionamos com Gershwin, reconhecendo-se harmonias do blues e ritmos sincopados do jazz.

Foi estreado em janeiro de 1932 na Salle Pleyel, em Paris, com a Orquestra Lamoureux. Para lá do Concerto, Ravel dirigiu, ainda, a *Pavane pour une infante défunte* e o *Boléro*. Facto curioso, o restante programa foi dirigido por Pedro de Freitas Branco, a convite do próprio Ravel. O jovem maestro português dirigiu, na segunda parte, a Suíte N.º 2 de *Daphnis e Chloé*, *La valse* e a *Rapsodie espagnole*. A parte solista foi confiada a Marguerite Long, a mesma pianista que estreara catorze anos antes *Le tombeau de Couperin*.

Inicialmente, Ravel pretendia apenas escrever um *divertissement* para o próprio tocar. Porém, a coincidência temporal da encomenda do Concerto para Piano para Mão Esquerda, destinado ao austríaco Paul Wittgenstein, terá contribuído para desviar o rumo da composição, designadamente em função do formato de Concerto. Acabou por propor a sua estreia a Marguerite Long. Anos mais tarde, a propósito da ocasião em que dedilhou pela primeira vez o manuscrito, Long testemunhou um episódio com o qual todos nos poderemos identificar. Referia-se às lágrimas que lhe vieram aos olhos naquele momento em que, a meio do segundo andamento, o piano se abandona em vagas sugestões de arpejos para dar lugar ao corne-inglês – ajuda saber que Ravel revelou ter-se inspirado no andamento lento do Quinteto com Clarinete de Mozart.

O primeiro e o último andamentos têm um carácter absolutamente contrastante. Traduzem a energia e o entusiasmo que Ravel terá experimentado junto da cena jazzística de Nova Orleães e de Harlem, Manhattan, alternando os contratempos do ragtime e escalas dolentes emprestadas do blues. O último andamento assemelha-se a uma *tocata* em que o virtuosismo do solista dialoga com uma orquestração exuberante.

A SINFONIA SCHEHERAZADE

O orientalismo foi uma moda que atravessou a Europa no final do século XIX. Ecoou na literatura, no vestuário, na pintura... e também na música. Tal exotismo despertou então o interesse de muitos compositores. Foi o caso daqueles que integravam a «nova escola russa», entre eles Rimsky-Korsakov. Os quatro poemas sinfónicos que constituem a sua *Scheherazade* são disso exemplo. Estreados em 1888, inspiram-se livremente n'«As Mil e Uma Noites». Em conjunto, resultam numa verdadeira sinfonia.

Em finais do século XIX era notório o desgaste da música dita «pura», aquela pretensamente desvinculada de associações que se estendam para lá da partitura. Por isso, os compositores buscavam imaginários fictícios ou referências culturais de um povo para explorarem mais livremente os recursos do dispositivo orquestral. Assim acontece em *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov, uma obra que prossegue a tradição das sinfonias dramáticas de Berlioz. Trata-se, portanto, de música programática, no sentido em que estabelece um diálogo explícito com uma obra literária, «As mil e uma noites», uma coleção de contos tradicionais da região do Médio Oriente e do sul da Ásia compilada no século IX em língua árabe. Foi traduzida para francês no início do século XVIII e tornou-se num clássico. O fio condutor de toda a coleção é a narração de *Scheherazade*, a mulher de Shahriar, sultão da Pérsia.

Inicialmente, a composição foi pensada como uma sinfonia, pelo que os andamentos estiveram para se intitular de maneira diferente: Prelúdio, Balada, Adágio e Finale. Rimsky-Korsakov foi posteriormente persuadido pelo também compositor Anatoli Liadov para discriminar nos títulos as partes do livro em que se inspirara, muito embora passados alguns anos tenha preferido retirar essas referências a fim de deixar maior liberdade ao ouvinte. É certo que aqueles títulos continuam hoje a aparecer em praticamente todas as edições, mas *Scheherazade* não pode ser entendida como uma descrição literal dos textos. Rimsky-Korsakov adaptou livremente as narrativas. Preocupou-se, sobretudo, em manter um ambiente fantasioso em que o exotismo é recurso de sedução, maneira de proporcionar uma viagem sonora num mundo idealizado, fantasia que se estende da bestialidade ao erotismo em paisagens distantes. Torna-se difícil, portanto, identificar correspondências lineares entre ideias musicais e personagens ou ações porque Rimsky-Korsakov não respeitou um planeamento dramático. Em vez disso, evocou episódios dispersos, como um mosaico que se dilui numa escrita eminentemente sinfónica – para lá, portanto, da mera ilustração musical.

Mas existem algumas pistas. Os uníssonos iniciais, em jeito de fanfarra, reaparecem por diversas vezes ao longo da obra e retratam o sultão, essa tal figura sinistra e ameaçadora que por ciúmes matava todas as mulheres após a noite de núpcias; exceto aquela que

salvou a própria vida contando mil e uma histórias, em outras tantas noites, despertando sempre curiosidade em ouvir o conto seguinte. As curtas introduções e o interlúdio para violino solo personificam a própria *Scheherazade*. Já a Barcarola que se ouve no primeiro andamento remete para as vagas que embalam Sinbad, o valente marinheiro que singrou os sete mares do mundo. Curiosamente, esta é uma história que não faria parte do conjunto dos manuscritos originais das *Mil e uma noites*. Terá sido acrescentada na tradução francesa. O segundo andamento abre com o violino de *Scheherazade*, o qual introduz uma história do príncipe Kalender, muita embora não saibamos ao certo de que história se trata, já que existem várias referências a Kalender no livro; talvez a de um príncipe que se veste de mendigo e se sujeita a privações em busca da sabedoria. O terceiro andamento é o momento romântico da obra, em torno de um amor principesco. Os sentimentos do príncipe são ilustrados na sonoridade voluptuosa dos violinos. Os da princesa alternam sucessivas vezes na forma de uma dança. Como seria de esperar de uma sinfonia, o último andamento justapõe com exuberância as ideias apresentadas ao longo da sinfonia. Revisita o tal unísono ameaçador e o violino de *Scheherazade*. Precipitam-se os cenários, como se traduzissem o perigo iminente da impaciência do Sultão.

TEXTOS DE RUI CAMPOS LEITÃO

«Odalisca» (1870), Pintura de Pierre Auguste Renoir
Fonte : Wikimedia Commons





ANTÓNIO ROSADO PIANO

António Rosado tem uma carreira reconhecida nacional e internacionalmente, corolário do seu talento e do gosto pela diversidade, expressos num extenso repertório pianístico que integra obras de compositores tão diferentes como Georges Gershwin, Aaron Copland, Albéniz ou Liszt. Esta versatilidade permitiu-lhe apresentar, pela primeira vez em Portugal, destacadas obras como as Sonatas de Enescu ou paráfrases de Liszt, sendo o primeiro pianista português a realizar as integrais dos Prelúdios e também dos Estudos de Claude Debussy. No registo dos recitais pode incluir-se também a interpretação da integral das sonatas de Mozart.

Atuou em palco, pela primeira vez, aos quatro anos de idade. Os estudos musicais iniciados com o pai tiveram continuidade no Conservatório Nacional de Música de Lisboa, onde terminou o curso Superior de Piano, com vinte valores. Aos dezasseis anos parte para Paris, e aí vem a ser discípulo de Aldo Ciccolini no Conservatório Superior de Música e nos cursos de aperfeiçoamento em Siena e Biella (Itália).

Em 1980, estreou-se em concerto com a Orchestre National de Toulouse, sob a direcção de Michel Plasson e desde essa data tem tocado com inúmeras orquestras internacionais e notáveis maestros como: Georg Alexander Albrecht, Moshe Atzmon, Franco Caracciolo, Pierre Dervaux, Arthur Fagen, Léon Fleischer, Silva Pereira, Claudio Scimone, David Stahl, Marc Tardue e Ronald Zollman.

Também na música de câmara tem atuado com prestigiados músicos como Aldo Ciccolini, Maurice

Gendron, Margarita Zimmermann, Gerardo Ribeiro ou Paulo Gaio Lima, com o qual apresentou a integral da obra de Beethoven para violoncelo e piano.

Laureado pela Academia Internacional Maurice Ravel e pela Academia Internacional Perosi, António Rosado foi distinguido pelo Concurso Internacional Vianna da Motta e pelo Concurso Internacional Alfredo Casella de Nápoles. Estes prémios constituem o reconhecimento internacional do seu virtuosismo e o impulso para uma brilhante carreira, com a realização de recitais e concertos por todo o Mundo, e a participação em diversos festivais. Na década de 90, foi o pianista escolhido pela TF1 para a gravação e transmissão de três programas – música espanhola e portuguesa, Liszt e, por fim, um recital preenchido com Beethoven, Prokofiev, Wagner-Liszt.

Em 2007, a França nomeou-o Chevalier des Arts et des Lettres.

ADRIAN LEAPER MAESTRO

Adrian Leaper foi Maestro Titular e Diretor Artístico da RTVE - Orquestra e Coro Sinfónico de Madrid e, antes disso, foi Maestro Titular da Orquestra Filarmónica de Gran Canária, durante quase 20 anos. A sua carreira começou com um longo estágio de cinco anos como Maestro Assistente da Hallé Orchestra, em Manchester, onde dirigiu quase 30 concertos por temporada. Na temporada passada, fez a sua estreia com a Orquestra Sinfónica de Aarhus (Dinamarca) e recebeu um convite para regressar à Orquestra Nacional de Île-de-France, depois da sua estreia com esta formação na temporada anterior. Regressou então também à Orquestra Filarmónica de Varsóvia, apresentou-se pela primeira vez com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, dirigiu na Escandinávia e regularmente em Espanha.

Adrian Leaper dirigiu as quatro maiores orquestras de Londres, as Orquestras Sinfónicas de Moscovo, Viena e Praga, orquestras de inúmeros países, incluindo Reino Unido,

Alemanha, Polónia, República Checa, Irlanda e Noruega. Trabalhou ainda com a Orquestra da Suíça Romanda, a Orquestra Sinfónica de Malmö, a Orquestra Mozarteum de Salzburgo, a Orquestra Filarmónica de Varsóvia, a Orquestra Filarmónica de Liverpool, a Orquestra Filarmónica Malaia e, em Espanha, as orquestras da cidade de Sevilha e Málaga e a Orquestra Real da Galiza, mantendo sempre um contacto próximo com a Orquestra Filarmónica de Gran Canária.

Ao longo dos anos, o repertório de Adrian Leaper estendeu-se, além do repertório do período clássico, a obras de Sibelius, Janáček, Elgar, Dvořák e Mahler, assim como a música de compositores espanhóis. Para lá destes últimos, tem tido grande sucesso na apresentação de peças como *A Sagração da Primavera* de Stravinsky, *O Mandarin Maravilhoso* de Bartók, *St. Francisco Frescoes* de Martinů, a Sinfonia N.º 1 de Schostakovich e *Jenůfa* de Janáček, com Eve Urbanova e Nancy Gustavson como solistas. Teve oportunidade de trabalhar com artistas de renome, tais como Mstislav Rostropovich, Felicity Lott, Garrick Ohlssen, Rudolf Buchbinder, Mischa Maisky, Frank Peter Zimmermann, Alicia de Larrocha, Pierre Amoyal, Ernst Kovacic, Cho-Liang Lin e Anne-Sofie von Otter. Este extraordinário leque reflete-se também numa enorme discografia de quase 80 gravações em CD para as editoras Arte Nova, ASV, Naxos/Marco Polo e La Mota de Polvo, que variam desde o repertório clássico – entre as quais sinfonias de Mahler, Sibelius, Nielsen e Dvořák – até obras da Rússia e da Europa Central, música ligeira britânica e música espanhola do século XX, incluindo gravações inéditas de obras de Granados, Ernesto Halffter, Rodo, Obradores e Conrado del Campo.



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Fundada em 1992, a Orquestra Metropolitana de Lisboa é um agrupamento de referência no panorama musical português e, em particular, no contexto cultural da cidade de Lisboa e da sua área envolvente.

Composta por 37 músicos permanentes, numa configuração instrumental “clássica”, a sua formação de base é regularmente modulada e alargada, permitindo à Orquestra Metropolitana de Lisboa uma abordagem sistemática de praticamente todo o repertório orquestral, de finais do século XVII à contemporaneidade.

Desde o outono de 2013, as Temporadas de Música da Metropolitana organizam-se numa tripla ancoragem em três salas principais, três zonas da cidade de Lisboa e três eixos de programação. No Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes, tem lugar a Temporada Barroca da Metropolitana, assente numa abordagem historicamente informada do repertório barroco. No Teatro Thalia, às Laranjeiras, tem lugar a Temporada Clássica, centrada na formação instrumental de base da Orquestra. No Centro Cultural de Belém tem lugar a Temporada Sinfónica, na qual a Orquestra se apresenta em formação alargada, abordando páginas de mais ampla configuração orquestral.

Nestas últimas, em particular, juntam-se à Orquestra Metropolitana de Lisboa alunos dos estágios mais avançados da Academia Nacional Superior de Orquestra, sublinhando a dimensão

pedagógica que, lado a lado com a missão artística, marca o ambicioso projeto da AMEC / Metropolitana – *Uma Orquestra e Três Escolas*. Num círculo virtuoso entre pedagogia e arte, muitos músicos da Orquestra são simultaneamente professores da Academia, estimulando um progressivo envolvimento dos alunos na programação e uma passagem gradual entre a formação e o desempenho profissional. Dos atuais membros permanentes da Orquestra Metropolitana de Lisboa, todos eles selecionados através de concursos internacionais, um terço é constituído por músicos formados nas escolas da AMEC / Metropolitana, o que confere à Orquestra uma consistência técnica de particular coerência.

À programação orquestral acresce a dos Solistas da Metropolitana, para a qual a orquestra se desdobra numa miríade de agrupamentos de câmara, de configurações múltiplas e em geometrias variáveis, atuando em dezenas de palcos, levando a melhor música de câmara não apenas a inúmeros espaços de Lisboa e municípios associados, mas também aos quatro cantos do país, cumprindo uma missão ímpar de descentralização da cultura musical.

Ao longo da sua história, a Orquestra Metropolitana de Lisboa realizou diversas digressões internacionais, da Europa ao Extremo Oriente, destacando-se desde 2018 atuações regulares em Espanha no quadro da parceria entre a AMEC / Metropolitana e o Coro e Orquestra da Rádio e Televisão Espanhola (RTVE).

De entre as inúmeras gravações realizadas pela Orquestra Metropolitana

de Lisboa destacam-se, nos últimos anos, edições monográficas – como a dedicada à música de câmara de Fernando Lopes Graça (edição conjunta da AMEC / Metropolitana e da Sociedade Portuguesa de Autores) – e edições que colocam lado a lado obras orquestrais portuguesas e páginas de referência do repertório sinfónico internacional – Beethoven, Brahms, Dvořák, Bartók e Prokofiev, entre outros.

De entre os artistas que colaboram com a Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se maestros como Pablo Heras-Casado, Kristjan Järvi, Eivind Gullberg Jensen, Michael Zilm, Emilio Pomarico, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Enrico Onofri, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Alfredo Bernardini, Hans-Christoph Rademann, Beat Furrer, Magnus Lindberg, Joana Carneiro, Pedro Amaral, Pedro Neves, e solistas como Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Filipe Pinto-Ribeiro, Marcos Magalhães, Aapo Häkkinen, Natalia Gutman, Adrian Brendel, Sayaka Shoji, Gerardo Ribeiro, Corey Cerovsek, Anabela Chaves, António Menezes, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre muitos outros.

Nomeado em 2013, Pedro Amaral desempenha a dupla função de Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

FLAUTAS
NUNO INÁCIO
JANETE SANTOS
RAQUEL VARELA ²

OBOÉS
SALLY DEAN
FILIPE FREITAS ¹

CLARINETES
NUNO SILVA
JORGE CAMACHO

FAGOTES
LURDES CARNEIRO
RAFAELA OLIVEIRA

TROMPAS
DANIEL CANAS
JÉRÔME ARNOUF
LILIANA MARQUES ²
LÚCIA MARQUES ²

TROMPETES
SÉRGIO CHARRINHO
JOÃO MOREIRA

TROMBONES
REINALDO GUERREIRO ¹
LUÍS OLIVEIRA ²
DIOGO RAMOS ²

TUBA
JOÃO CHAVEIRO ²

HARPA
CATARINA REBELO ¹

TÍMPANOS
FERNANDO LLOPIS

PERCUSSÃO
MARCO FERNANDES ¹
MARCELO RICARDO ²
RODRIGO AZEVEDO ²
ANA BEATRIZ SOUSA ²
VICENTE SIMÃO ²

1.ºS VIOLINOS
ANA PEREIRA *Concertino*
JOSÉ PEREIRA
JOANA DIAS
XAVIER PEREIRA ²
CRISTIANA HERCULANO ²
ALEXÊI TOLPYGO
CARLOS DAMAS
BEATRIZ FERREIRA ²
DIANA TZONKOVA
INÊS FERREIRA ²
INÊS MARQUES ²
CLARA RAMOS ²

2.ºS VIOLINOS
ÁGNES SÁROSI
JOSÉ TEIXEIRA
NONNA MANICHEVA
LÚCIA SALVADO ²
SÓNIA FIGUEIREDO ²
DANIELA RADU
ANA FILIPA SERRÃO ¹
SOFIA LEONG ¹
ANDRÉ LEAL ²
BEATRIZ TOMÁS ²

VIOLAS
JOANA CIPRIANO
JOANA TAVARES ¹
ANDREI RATNIKOV
ANA RUSSO ²
ÉDNEY FÉLIX ²
VALENTIN PETROV

VIOLONCELOS
NUNO ABREU
JIAN HONG
ANA CLÁUDIA SERRÃO
JOANA ROSA ²
MARGARIDA ALMEIDA ²
JOÃO MATOS ¹

CONTRABAIXOS
VLADIMIR KOUZNETSOV
ERCOLE DE CONCA
JOÃO LOBO ²
MARGARIDA FERREIRA ¹

METROPOLITANA

CCB

TEMPORADA
2020 | 2021

UM AMERICANO EM PARIS

ORQUESTRA
METROPOLITANA
DE LISBOA

DOMINGO 13 DEZEMBRO - 11H00

GRANDE AUDITÓRIO
DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

João Pedro Silva
Saxofone

Sylvain Gasançon
Maestro

NOVO
HORÁRIO!
COMEÇAMOS
MAIS CEDO

George Gershwin

Suíte da ópera *Porgy and Bess* (*Catfish Row*)

Luís Tinoco

Concerto para Saxofone e Orquestra (estreia absoluta)

George Gershwin

Um Americano em Paris

M/6 - BILHETES À VENDA
Preço: 10€ a 23€

Na Ticketline e bilheteira do CCB todos os dias 11h00 > 20h00

AVISO

Uso obrigatório de máscara, durante o concerto

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2
São Luiz Teatro Municipal
Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa
CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação
Fundação Oriente
Academia das Ciências

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitanalx | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

CCB

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Elísio Summavielle

Vogal
Isabel Cordeiro

Vogal
Delfim Sardo

CONSULTOR EXTERNO
Rui Horta

DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS

Diretora
Paula Fonseca

Programação
André Cunha Leal
Fernando Luís Sampaio

DIRETORA DE MARKETING E DESENVOLVIMENTO
Madalena Reis

DIRETOR DE EDIFÍCIOS E INSTALAÇÕES TÉCNICAS
António Ribeiro

DIRETOR FINANCEIRO E ADMINISTRATIVO
Francisco Sacadura

DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS
Jorge Carvalheira

Apoio Institucional



Parceria Institucional



Parceria Media
para a Temporada 2020/2021



METROPOLITANA

Coprodução AMEC/Metropolitana e Instituto Italiano di Cultura

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

UM SÉCULO DE FEDERICO FELLINI

Programa evocativo do Centenário de Federico Fellini

DOM. 6 DEZEMBRO - 11H00 CINEMA SÃO JORGE



Benedetto Lupo Piano
Rui Pinheiro Maestro

Obras de Nino Rota

M/6 - BILHETES À VENDA